

Trabalho de Conclusão da Pós Graduação Lato Sensu  
**CAMINHADA COMO MÉTODO PARA ARTE E EDUCAÇÃO**

Turma I – 2017/2018

Relato de Viajante

**A costura é o meu caminhar**

Érica Alves de Campos

2018

Idealização, Concepção e Coordenação da Pós Graduação:

Prof. Dra. Honoris Causa Edith Derdyk

Direção Geral D'A Casa Tombada:

Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira e

Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

## Índice.

Fiz uma pós que diz sobre o ato de caminhar.....	2
Dentro desse caminhar, muitos sentimentos afloraram em mim.....	3
A costura é o meu caminhar.....	4
Sobre o meu modo de caminhar.....	5
Há quem caminha com o pensamento.....	6
O assunto recorrente.....	8
Processos que surgiram durante a experiência vivenciada.....	12
Dos rastros que muito dizem.....	10
Conclusão.....	18
Referências bibliográficas.....	22

## **Fiz uma pós que diz sobre o ato de caminhar.**

Escrevo este relato com emoção franca e sem encobrimentos.

Nos dezoito meses de curso.

Eu vi mulher escrever no coração do cacho da bananeira

Vi mulher amamentar.

Vi mulher costurar com fios visíveis e não visíveis.

Vi mulher escolher folha.

Vi mulher deitar na pedra,

Vi mulher fazer leitura labial.

Também vi mulheres que nadaram nas águas, que andaram pelos campos, que pisaram pelas calçadas...

Foram muitas as trocas.

Houve pessoa que contou sobre o voo da águia,

pessoa que relatou sobre o dia em que “onçou”,

pessoa que contou sobre as cartas que encontrou,

pessoa que fez um livro só de folhas pretas.

Também houve aquela pessoa que disse sobre planta,

sobre índio, sobre mapas,

sobre livros de artista,

sobre haikai.

sobre cartografar,

sobre caminhar,

habitar, atravessar, percorrer,

observar, escutar, traçar, seguir, deslocar,

mover, descobrir,

ultrapassar, atravessar....

## **Dentro desse caminhar muitos sentimentos afloraram em mim.**

De tristeza, quando alguém muito amado por mim adoeceu.

De desolação, quando na mão, a certeza de luta contra aquilo que está além de todos.

De esperança, quando encontrei a mão do outro.

De alegria, quando comprei o livro “A arte de caminhar”, de Merlin Coverly.

De compreensão, quando li sobre o “caminhante imaginário”. Foi quando entendi que se caminha com o pensamento e, que é possível, pela força da imaginação, “transcender os limites do tempo e do espaço”<sup>1</sup>.

De inspiração, quando li no ensaio Elogio da mão, a frase “vejo minhas próprias mãos, que solicitam meu espírito, que o arrastam”<sup>2</sup>, escrita por Henri Focillon. Cativou-me a ideia de que, no uso da mão intuída pela força do espírito, há a possibilidade de tecer espaços imaginados.

De confiança, quando evoquei as minhas forças protetoras.

De fé, quando fiz prece pensada e escrita.

De convicção, quando escolhi o enunciado (“A costura é o meu caminhar”).

---

<sup>1</sup> COVERLY, Merlin. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante**. Tradução de Cristina Cupertino. – São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 55.

<sup>2</sup> FOCILLON, Henri. **Elogio da mão (livro eletrônico)**. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p.5.

## **A costura é o meu caminhar.**

Mais que um ato de unir peças por meio de um fio, a costura conta algo sobre nós, diz sobre nossos lugares guardados e amados, diz também sobre nossa passagem e nosso estado.

Cada agulhada impingida ao tecido une os percursos de nossas tramas. Cada corte ou recorte é uma nova oportunidade de caminho.

O alinhavo variado – modelado pelo ir e vir do avanço e recuo, de emendas e remendo, da cadência do passo da agulha, como os nossos pés fincam o chão – formatiza nossa tessitura: um eterno ir e vir.

Não houve uma escolha durante este percurso da pós: a costura, que é meu quintal, naturalmente se fez presente.

Ainda menina, sentada no assoalho do chão, junto à minha mãe e cercada por restos de linhas, eu conheci os primeiros pontos. Ali, dentro desse estar junto, entre linhas, tesouras e tecidos, a ternura da minha mãe despejava-se sobre mim, e eu me sentia protegida.

Assim, sentindo - como quem recebeu os mais importantes ensinamentos -, guardei comigo aquele momento de afeto.

Os guardados, os mais caros momentos dos tempos passados, são hoje as forças protetoras que fluem naturalmente enquanto eu costuro.

## **Sobre o meu modo de caminhar.**

Percebi, durante a pós, que também se caminha com o pensamento. Isso é possível por meio da imaginação. Assim, posso dizer que mesmo quando os meus pés estavam parados no chão, o pensamento caminhou.

Nesses dias da travessia, muito costurei. Deixei que a linha intuída pela força do espírito tecesse espaços imaginados mesmo na ausência do fiar com as mãos.

De fato, a costura esteve comigo todo esse tempo. Nunca soube definir exatamente se caminhava para costurar ou se costurava para caminhar, pois alguns dos resultados obtive após caminhar fisicamente, e outros após caminhar com o pensamento. Logo, a costura é o meu caminhar.

Precisei encontrar uma forma muito particular no meu modo de caminhar, pois logo no início do curso alguém muito amado adoeceu. Se antes eu encontrava, nos trechos conhecidos, um campo que reconhecia, que me permitia conhecer bem o caminho, a partir daquele instante não mais o encontrava.

Percebi naquele momento de dor um movimento que me aquietou. Súplicas nasceram.

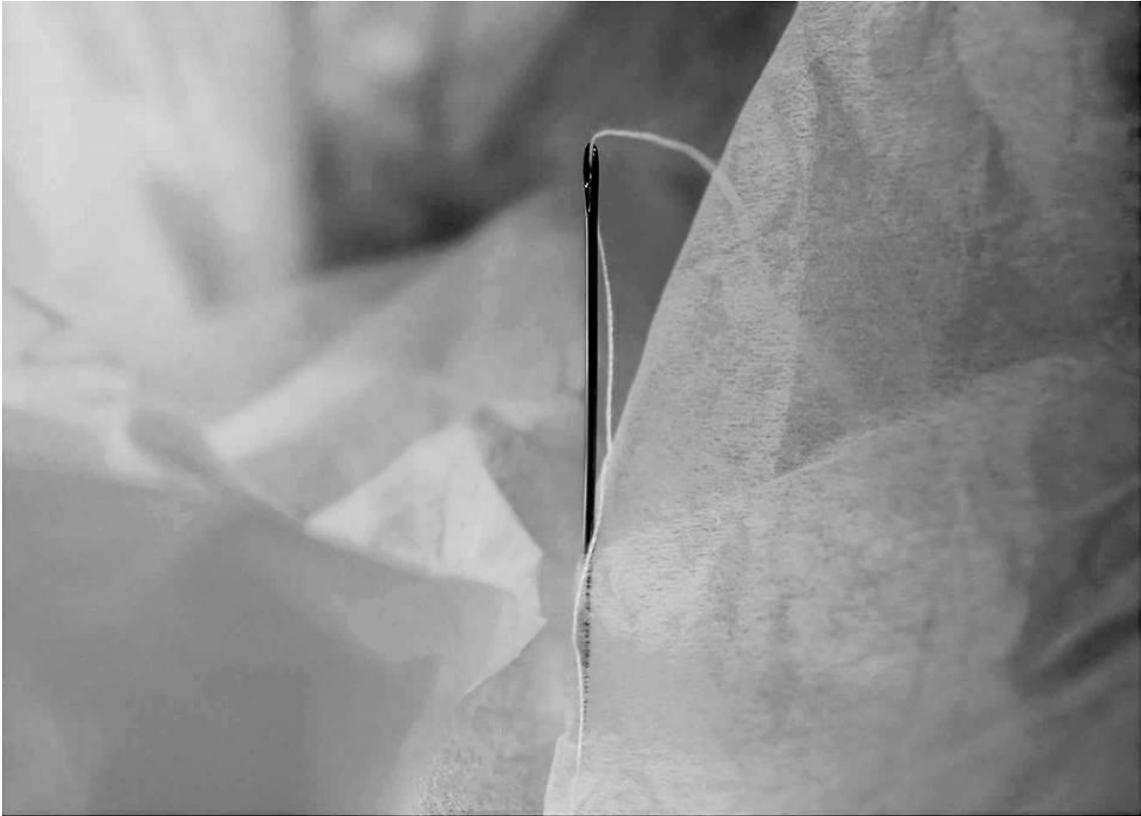
### **Há quem caminha com o pensamento.**

Em minha casa, como que num rito a minha mão tirou de dentro do potinho transparente um carretel de linha branca, com uma fina agulha espetada, e costurou. Empurrou firmemente a agulha, que atravessou de baixo para cima o tecido, de um lugar para outro, de um chão pisado para um chão imaginado.

Eis que aquilo que não é corpo em mim foi. Era o dia marcado, era o tempo de eu fiar verdadeiramente com as mãos do coração.



Naquele dia, dentro do hospital, o caminhar por pensamento permaneceu quieto e sentiu o cinza no dia.



Ofereci uma prece.

Ó, mão minha.

Te agradeço por guiar a agulha, mesmo quando esgotados estavam os meus dedos.

Te agradeço por tecer, mesmo quando os meus pés estavam fincados no chão, cercados por frias paredes brancas.

Te agradeço por guardar quentura, mesmo quando uma friúra imensa tomou-me todas as certezas.

Te agradeço...

## O assunto recorrente.

Desde o começo da pós, meu olhar sempre foi atraído por árvores que atravessavam o meu caminho.

Algumas pude tocar, aproximar.

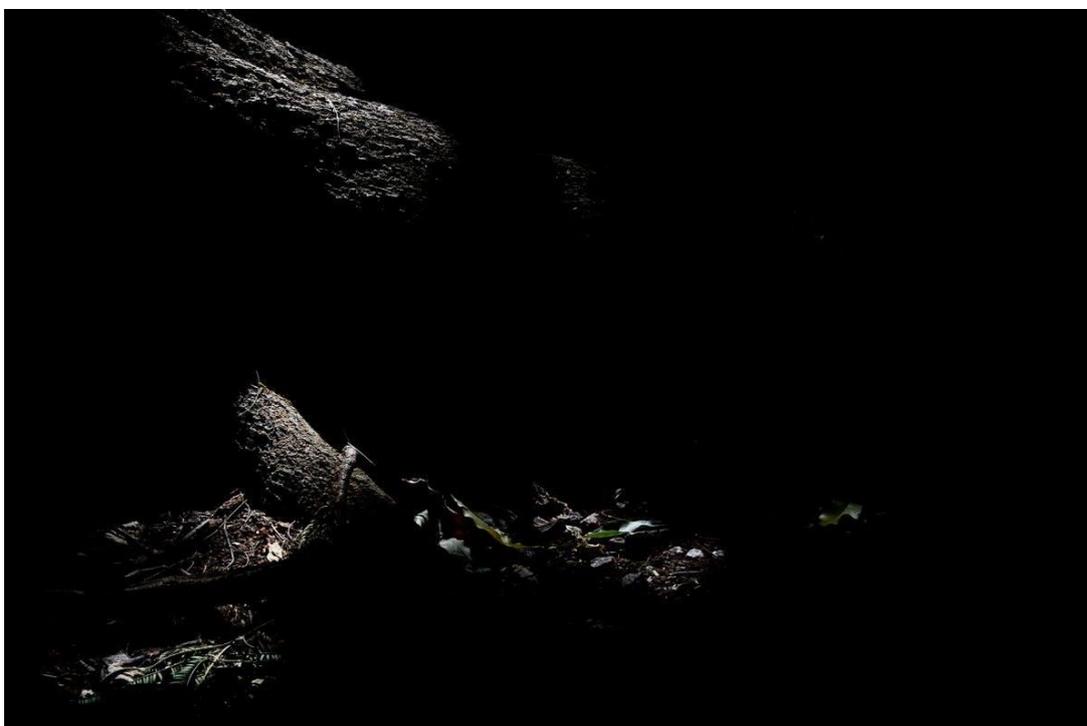




E outras somente o olhar alcançou.



Foi bom estar entre árvores. Para mim, esse é um lugar para as preces serem ouvidas.



Muitas vezes fiz prece durante o caminhar.



Eu peço que aquilo que não é corpo em mim estique linhas imaginárias entre o meu próprio corpo e a árvore, que ergue ramos para o céu e afunda profundas raízes na terra.

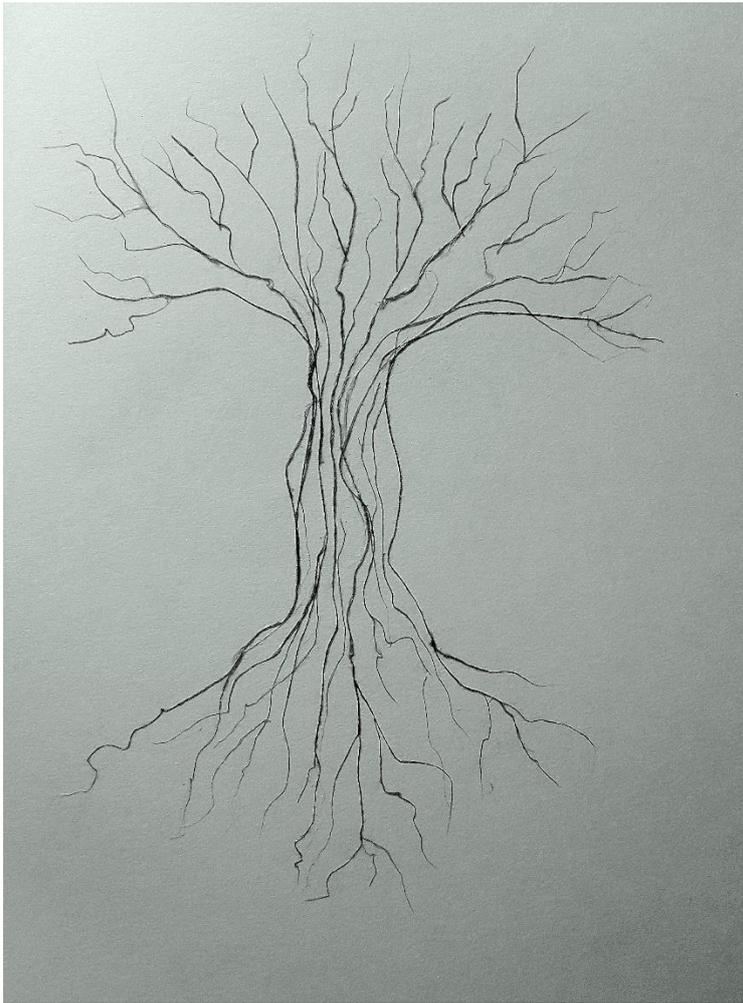
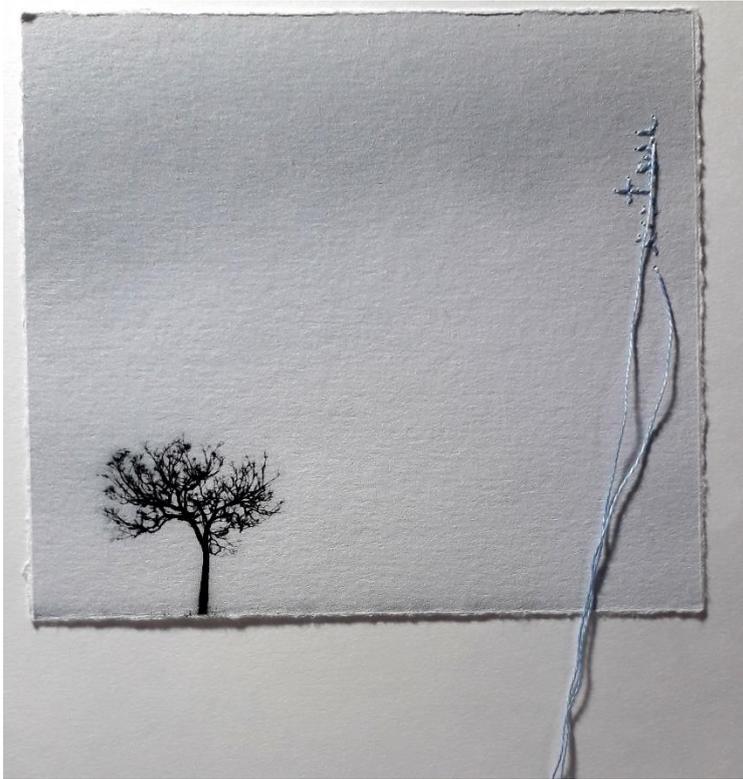
Peço que esses fios todos - raízes, veia, espírito e veios - se entrelacem e acordem as vozes dos que vieram antes, dos que souberam lidar com o peso dos dias, dos que traziam no pensamento a clara sabedoria das coisas.

Peço que essas vozes façam-se conselheiras.

Peço que contem, para que eu me lembre, que dentro de mim forças habitam...

**Processos que surgiram durante a experiência vivenciada.**

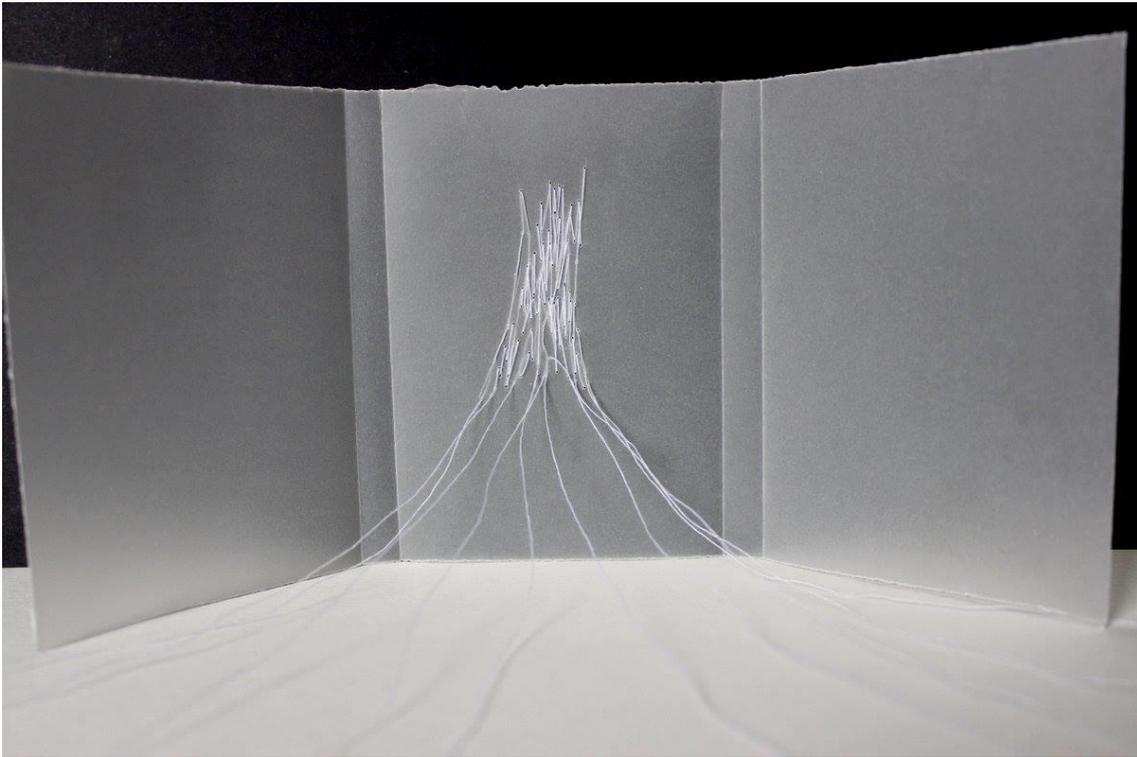








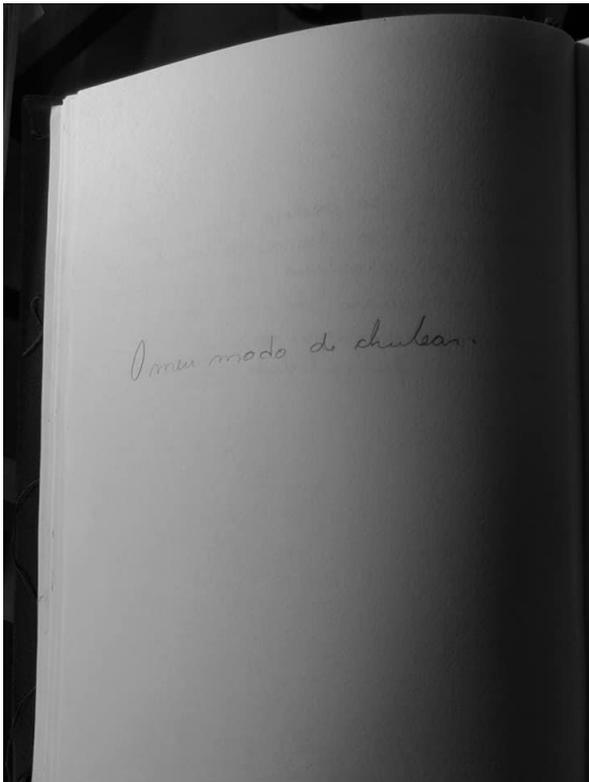
## Dos rastros que muito dizem.



amizade. No momento em que começo a escrever, vejo minhas próprias mãos, que solicitam meu espírito, que o arrastam, estão, companheiras incansáveis, que durante tantos anos vêm cumprindo sua tarefa, a primeira mantendo o papel no lugar e outra multiplicando sobre a página branca estes pequenos e nos apressados, sombrios e diligentes. Por meio delas, o homem trava contato com a dureza do pensamento. Elas lapidam o blo Impõem uma forma, um contorno e, no domínio mesmo da caligrafia, um estilo.

São quase seres animados. Serão servas? Talvez. Mas servas dotadas de um gênio enérgico e livre, de uma fisionomia rostos sem olhos e sem voz, mas que veem e que falam. Há ceg

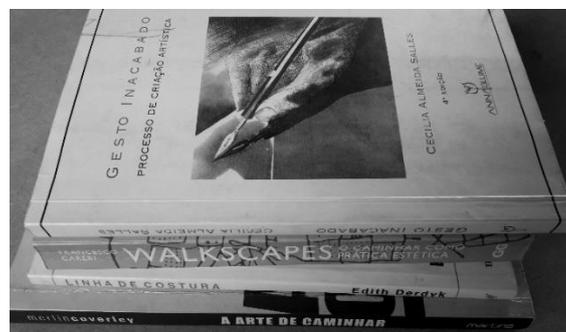








Ao longo da viagem, a presença dos menires chamava a atenção do viandante, comunicando-lhe a presença de  fatos singulares e dando-lhe informações relativas aos outros terrenos à volta.  informações úteis para a continuação da viagem, como  mudanças de direção, pontos de passagem, bifurcações, passos e perigos. Contudo, talvez os menires indicassem também lugares onde aconteciam celebrações



*“E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro.” Rubem Alves.*



A Casa Tombada

## **Conclusão.**

Foram assim os dezoito meses em que a costura esteve comigo.

Ela foi o meu esteio nos momentos mais difíceis dessa minha jornada. Quando costuro, digo de mim, externo os meus sentimentos, e isso me acalma.

Fui uma caminhante que caminhou com o pensamento. Tecí com as minhas próprias mãos e com as mãos do espírito. Deixei a linha habitar os meus dedos e me ajudar a dar forma aos espaços imaginados. Foram esses os espaços construídos que a prece habitou.

Desejei aqui, do tanto de tudo, compartilhar da experiência vivenciada, apresentando imagens sínteses dos instantes que muito falam de um todo. Dos escritos escolhidos, todos vieram após cada caminhada. Os escolhi porque encontrei neles verdades do meu caminhar.

Sobre o caminhar:

Com ele tudo veio.

E tudo, tudo me atravessou.

Se atravessou, passou por dentro.

Se passou por dentro, modificou...

## **Referências Bibliográficas.**

CARERI, **Francesco**. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili,

COVERLY, Merlin. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante**. Tradução de Cristina Cupertino. – São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FOCILLON, Henri. **Elogio da mão (livro eletrônico)**. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

SALLES, C. A. **Redes da criação: construção da obra de arte**. Vinhedo: Horizonte, 2006.

